

humanitas

Vol. XXIŽJ J ;;

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
INSTITUTO DE ESTUDOS CLÁSSICOS

HUMANITAS

VOLS. XXI E XXII



COIMBRA
MCMLXIX-LXX



fazendo afirmações que sucessivamente se corrigem: o dia é belo porque é aquele em que recuperará Helena, por quem muito lutou; mas não foi por causa de uma mulher que veio a Tróia, mas sim para castigar o homem que o ofendeu; o terceiro ponto será naturalmente dizer que vai punir aquela cujo nome não quer proferir sequer... Está preludiado o procedimento de Menelau para com a mulher, procedimento cuja orientação futura não escapa a Hécuba.

A escolha da lição de PQ₁ no v. 98 (*κεφαλήν*) em paralelo com *δέρην*, pontuando de novo, afigura-se-nos também uma boa solução. O regresso à tradição manuscrita em 144, contra Murray e seguindo Parmentier, é-o também. É igualmente de aceitar a emenda proposta para 549-550, onde o texto *σέλας πυρός μέλαιναν αἴγλαν ἔδοικεν ὕπνοι* é métricamente errado. O A. insere *νυκτός* na vez de *πυρός* e transfere esta última palavra para depois de *αἴγλαν*, criando assim uma expressão paralela (*de contrario*) a *καλλιφεγγές ἡλίου σέλας* de 860.

A edição termina com um *conspectus metrorum* que explica e esquematiza as diversas alterações feitas na colometria. Em muitos passos, os dímetros anapésticos com predomínio das longas facilitam a mudança num texto já de si pouco seguro. Porém, se, em 124 lermos, como Hartung, *λίμνας* por *λιμένας*, e dermos a *δι'* a quantidade longa, à maneira homérica, como propôs M. O. Pulquério («Características Métricas das Monódias de Eurípidés», nesta revista, vol. XIX-XX, p. 104), teremos resolvido a dificuldade da primeira palavra do verso, sem alterar a colometria.

Estes poucos exemplos apresentados só provam a dificuldade da tarefa. Ante a qualidade do trabalho agora realizado, só podemos desejar que um amplo comentário venha completá-lo em breve.

M. H. R. P.

MÁXIMO BRIOSO SÁNCHEZ, *Anacreontea*. Un ensayo para su datación.

Theses et studia philologica Salmanticensia, XV. Consejo Superior de Investigaciones Científicas, Colegio Trilingüe de la Universidad. Salamanca, 1970. 48 pp.

Uma vez que hoje ninguém duvida da inautenticidade das *Anacreontea*, a questão fica reduzida à da determinação da sua data. É o que o A. se propõe resolver, tomando como base «dados objectivos e redutíveis a cifras» (p. 11): o léxico, a sintaxe, a métrica. Antes disso, faz um resumo dos antecedentes do problema. Resumo sem dúvida demasiado esquemático, pois fala de «duas etapas, a primeira, de cega fé, a segunda, de crescente incerteza, com nomes como os de Bentley, Mehlhorn e Welker» (p. 7). Ora a verdade é que apenas três anos após a edição de H. Étienne, já Fr. Robortellus, na p. 26 do seu *Liber de arte s. ratione corrigendi antiquos libros*, Patav. 1557, classificava as *Anacreontea* de «insulsos quosdam posterioris aevi lusus». E em 1776 Fischer tinha dúvidas de que houvesse qualquer poema autêntico em toda a colecção.

Procede, no capítulo seguinte, à contagem das palavras bizantinas; analisa o uso do optativo, das preposições, das partículas, do comparativo e superlativo e da partícula *ō* antes do vocativo. Outra parte do trabalho diz respeito à métrica e prosódia, com análise de alguns casos difíceis. A secção seguinte discute as diversas teorias quanto ao agrupamento destas composições, designadamente as de Hanssen, Crusius, Edmonds, Sitzler.

Finalmente, nas conclusões, apresenta o quadro da paroxitose, como guia mais seguro da cronologia dos poemas. Da conjugação deste com outros critérios (os já apontados acima e ainda o da distribuição estrófica), resulta a divisão da colecção em duas partes: uma composta entre o séc. I-II p. C. e Gregório Nazianzeno, e outra entre os sécs. V e VI.

O trabalho é feito com cuidado, informação geralmente boa (conquanto omita a classificação de Stark nas *Quaestionum Anacreonticarum Libri Duo*, Lipsiae, 1846, que, apesar de antiga, é importante), e objectividade. Naturalmente que os resultados obtidos são sempre aleatórios, pois é difícil dizer até que ponto a comparação com a prática linguística de outros autores, sobretudo os cristãos, pode fornecer-nos elementos seguros para apreciarmos a de metrificadores que conscientemente procuravam imitar o poeta de Teos.

M. H. R. P.

ALEJANDRO PASTRANA RIOL, **Pensamiento y función del Coro en el primer estásimo de la Antígona de Sófocles** (vv. 332-375). Salamanca, 1970. 79 pp.

Com este estudo sobre o 1.º estásimo da *Antígona* de Sófocles crê o seu A. ter contribuído «para o progresso da investigação científica», submetendo o texto famoso a «novas orientações e interpretações». Esta suposição, expressa com optimismo na *Apresentação*, é infelizmente desmentida ao longo dum trabalho em que, a par de observações correctas, figuram afirmações mal fundamentadas e opiniões insustentáveis em domínios especializados, como o da métrica, pouco propícios a aventurosas especulações.

Vejamos, em primeiro lugar, como é feita na *Introdução* a caracterização de Antígona. Segundo o A., «Antígona debate-se durante toda a tragédia entre duas grandes forças psicológicas: de uma parte, amor e compaixão (*ἔλεος*), de outra parte, o terror (*φόβος*).» (pp. 9-10). Terror poderá admitir-se a princípio em Ismena, que procura, por todas as formas, deter Antígona na sua marcha para o sacrifício. Medo informa, certamente, o comportamento do Coro, que não está à altura do heroísmo de Antígona. Mas a ideia de uma Antígona, dominada ao longo de toda a peça pelo terror, é algo que se choca contra toda a verosimilhança. É, no entanto, o próprio A. que corrige esta interpretação quando, logo a seguir, escreve de forma contraditória: «Antígona mostra-se sempre segura e decidida...» (p. 11).